

*Discurso na solenidade de inauguração do
linhão de 230 kv de transmissão de energia
elétrica da Eletronorte*

SINOP, MT, 11 DE OUTUBRO DE 1996

Senhor Governador do Mato Grosso, Dante de Oliveira; Senhor Ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhores Senadores; Deputados; Deputados estaduais; Vereadores; Senhor Prefeito Antonio Contini; Senhores Prefeitos que nos dão a honra da companhia; Senhor Presidente da Eletrobrás, Firmino Sampaio Neto; Senhor Presidente da Eletronorte, José Antonio Muniz Lopes; Demais Autoridades; Povo de Sinop e de Mato Grosso;

Quero dizer que, para quem dirige o País, para quem está com a responsabilidade imensa de tomar decisões que afetam 150 ou 160 milhões de brasileiros, a maior alegria é poder encontrar, nesta mesma praça onde estive como candidato a Presidente da República, mais gente do que daquela vez e mais entusiasmo ainda, do que daquela vez.

É isso que recompensa o trabalho. E mais: neste palanque, estão líderes políticos de todos os partidos, muitos dos quais, na época, não me apoiavam. E, hoje, nós todos estamos juntos por aquela bandeira que eu vejo lá fora, a bandeira do Brasil.

Estamos unidos, todos, aqui. Qualquer que seja o partido de cada um de nós, o grande partido do nosso coração é o Brasil. E vocês são o Brasil. É o Brasil que dá certo, que vai dar cada vez mais certo.

Venho hoje a Sinop para cumprir o que disse na última vez em que aqui estive. Quando aqui estive, o Presidente era Itamar Franco. Eu havia sido Ministro da Fazenda. E nós havíamos decidido, no Ministério de Minas e Energia, com o Ministro Stepanenko, que iríamos fazer o linhão. Hoje, com o Ministro Raimundo Brito, voltamos aqui para apertar o botão que mostra que esse linhão já é uma realidade. E que vai continuar. Tenho absoluta convicção daquilo que já foi dito pelos que me antecederam: Mato Grosso precisa, só, que o governo seja honesto, que o governo promova o desenvolvimento da energia e das estradas, porque o restante vocês fazem melhor do que ninguém no mundo.

A produtividade dessas terras é extraordinária. A capacidade do povo brasileiro está aqui à vista. É gente que veio do Paraná, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina ou mesmo do Mato Grosso e que, hoje, faz o milagre dessa cidade. Cada vez que se volta aqui, progrediu mais, tem mais gente nela e mais entusiasmo, por si mesma e pelo Brasil.

Nós vamos continuar, sim, trabalhando e quero dizer que, para a duplicação da 163, na segunda-feira, o recurso já estará à disposição do Prefeito. Mandeí que o batalhão do Exército continuasse a estrada e ele continuou. Agora, conversando com os Senadores que me acompanhavam, o Carlos Bezerra, o Senador Júlio Campos, e com o Deputado França, e os outros Deputados que lá estavam, com o Ministro, o Deputado Palma, o que dissemos? Vamos encontrar um meio para que essa 163 seja feita, porque eu disse que faria e vou fazer.

E não digo isso porque estou aqui nesta praça, não. Nós estamos reorganizando o Brasil com seriedade e fazendo, não para agradecer a Sinop, mas porque é necessário para o Brasil, para Sinop, para Santarém, para que possamos continuar progredindo, como é natural que queiramos .

O Ministro Brito já disse o que vai acontecer com a Usina de Manso, que já está licitada, e as obras só não continuaram porque o Tribunal de Contas teve uma dúvida quanto ao procedimento legal, se poderíamos fazê-la diretamente, como concessão, ou se deveria ser uma privatização. É uma dúvida técnica, apenas, que será resolvida, e Mato Grosso vai ter a Usina de Manso funcionando; como vai ter, também, gerando energia, o gás que vem da Bolívia lá para Cuiabá; como vai ter tudo o que estiver ao nosso alcance, porque o Mato Grosso é uma parte importante do Brasil e precisa de mais desenvolvimento.

Mas eu, também, quero lhes dizer, com toda sinceridade: tudo isso é muito importante, mas o Prefeito Contini sabe, porque viemos conversando no ônibus, que eu perguntei basicamente foi sobre educação. Conversamos longamente, para saber se as crianças têm escolas, se é possível pagar decentemente ao professor, se é possível melhor treiná-lo, porque o futuro depende da educação. Um povo educado vai ter saúde, vai ter ocupação, vai ter capacidade de escolher bem seus dirigentes, terá cidadania.

E me alegra ver que, apesar do crescimento enorme da população em idade escolar, aqui há escola para as crianças. E me alegra saber que há escola de educação física, porque é importante que a criança tenha treinamento nos esportes: isso faz parte do civismo e melhora a condição de vida do nosso povo.

Também quero lhes dizer da demanda que foi trazida pelo Governador e que também havia sido objeto de conversas conosco, no avião, ou seja, de dar possibilidade àqueles que não têm terra. Havendo terra, e terras do Banco do Brasil, vou pedir ao Banco do Brasil e ao Incra que acelerem, que verifiquem o que é possível fazer, porque a terra é necessária não só para o rico, mas para o pobre também. O Brasil tem muita terra, e, desde que a lei seja obedecida, desde que não haja tumulto, o Governo tem capacidade de, progressivamente, ir distribuído essa terra de forma que tenhamos mais gente com condição de emprego e de uma vida digna e decente.

Ainda ontem, lá no Palácio do Planalto, recebi cerca de 200 crianças que trabalham nas lavouras, nos canaviais, no sisal, no sal, nas

carvoarias. Nós temos que acabar com a exploração do trabalho infantil. Lugar de criança é na escola, não é no trabalho, sendo explorada! E, para que a criança possa ir à escola, é preciso que o pai tenha uma renda mínima decente.

Aqui – não li, ainda – há uma reivindicação dos idosos; certamente será sobre o programa que nós lançamos, que é o da renda mínima para os mais idosos. Já o estamos pondo em prática. Vamos mudar os critérios para ampliar o atendimento e permitir que mesmo famílias que não ganhem apenas um quarto de salário mínimo *per capita* possam ter os mais velhos abrigados por essa proteção, que é uma renda mínima que o Estado dá.

Não há desenvolvimento econômico sólido senão quando existe, também, desenvolvimento social; não há desenvolvimento social possível sem desenvolvimento econômico. Pensar o contrário é fazer demagogia. Os que dizem que deve ser tudo para o social se esquecem do econômico; os que só pensam no econômico se esquecem do social. Nos dois casos, estão errados e o Brasil não avança.

Mas me apraz dizer a vocês todos que, apesar de nunca ter tido receio de tomar medidas que parecem impopulares, mas que são necessárias, e que mais adiante provam que são justas, o Governo não vai se descuidar do controle da inflação, porque o grande avanço do povo mais humilde é o Real, é a possibilidade de ter o seu salário não consumido pela inflação.

Aqueles que estão com a barriga cheia se esquecem, muitas vezes, de que um pouquinho mais de frango, de carne, de feijão e de arroz que o Real propicia a cada família mais pobre é o que permite a essa família realmente ter a esperança do dia seguinte.

Recentemente, minha mulher esteve lá na Amazônia – faz dois ou três dias – não em Manaus, não em Belém: andou pelo rio Solimões adentro, baixando nas várias vilas do rio. As pessoas olhavam para ela e diziam: “Mas será a mulher do Presidente?” “Mas mulher do Presidente anda a pé?” – porque o povo imagina que o Presidente e a mulher dele têm que andar sempre protegidos. Ela andou anonimamente por lá, mas ouviu do povo mais humilde, quando a reconheciam, esta

coisa tão simples, este pedido a ela: “Diga ao Fernando”, assim me chamavam, “que não deixe o Real escapar, porque é graças ao Real que eu posso comer melhor e dar saúde para os meus filhos.”

Esse é o meu compromisso. Enfrentei muitas dificuldades desde o Ministério da Fazenda e sempre tive o apoio do Presidente Itamar. Mas enfrentei muitas dificuldades para fazer o que era necessário. Não faltou quem fizesse baderna, não faltou grupo organizado nem grupo de interesse que fosse pressionar para que eu fizesse uma concessão aqui, outra ali, que eu cedesse um empréstimo aqui, que eu deixasse para mais tarde o controle da inflação. Não cedi um milímetro. Não há de ser agora, que sou o Presidente da República, que vou ceder em prejuízo daquilo que é a necessidade maior do povo mais simples. O salário que paga o fruto de um trabalho, às vezes penoso, deve representar, realmente, um valor, e não ser uma enganação. Durante 30 anos o povo brasileiro viveu da enganação, porque não tinha salário digno, porque a inflação comia o salário.

Não adianta quererem fazer crer que, quando o Governo ou o Presidente toma uma medida, o povo é contra. O povo sabe distinguir; o povo será, sim, contra, se nós errarmos. E errar significa não ter coragem de fazer o necessário. Quando for necessário, faz-se, com uma condição: tem-se que explicar ao povo. Explicando ao povo, o povo entende, e o povo há de saber, e sabe, que ninguém que está na minha posição pode querer algo melhor do que o bem do País, porque o bem do País será certamente o reconhecimento do meu próprio trabalho e é o reconhecimento que o próprio povo é capaz de exprimir. Portanto, só posso querer o bem do País. A discussão é: como se faz esse bem? O bem não se faz dizendo sempre “sim” e “não”. O bem se faz dizendo o que é certo e o que é errado: “não” para o errado e “sim” para o certo. E é isso que estamos fazendo.

Quero, portanto, como já fiz da última vez que aqui estive, com este sol abençoado, este sol que germina a semente, e, quando vem a chuva, mais depressa ainda, dizer a vocês que estão com esse solão em cima – sei que é difícil, é penoso para vocês –, firmes, aí, para nos ouvir, que fico grato por isso também que me enche o coração de alegria.

Quero dizer que estou atento a todos os problemas. Quero dizer que perguntei também pelas madeiras e, também, se era floresta renovável. Sei que é necessário explorar a floresta, mas sei, também, que essa exploração só será útil se for uma exploração racional. Sei, também, que o Governo tem que entrar em entendimentos para saber o que é justo e o que não é. E o que for justo será feito e o que não é será afastado. É com esse espírito, sem preconceito, sem olhar interesses particulares desse ou daquele grupo, mas olhando esse grande interesse de vocês todos, aqui, juntos, que representam, neste momento, o povo de Sinop, que eu quero dizer: muito obrigado, muito obrigado pelo conforto de ver que este povo continua firme, sabendo separar o que é bom e o que é errado e, com generosidade, vindo a esta praça neste solão para nos prestar um cumprimento – não direi “homenagem”, porque homenagem sou eu que faço a vocês. Viva Sinop, viva Mato Grosso e viva o Brasil.